ralmente novembro) e sua duração reduzida para quatro meses (até fevereiro). Esses prazos podem às vezes sofrer alterações em função de fatores atípicos, embora a época mais delicada do abastecimento interno do grão seja sempre o trimestre que vai de dezembro a fevereiro.

A tendência do indicador FGV/BM&F retrata claramente este quadro, revelando um acentuado aumento dos valores a partir do início de dezembro. Esses valores atingiram o ponto crítico nos primeiros dias de janeiro quando a pronta ação do governo amenizou o movimento especulativo com leilões do produto.

O setor avícola, por sua vez, respirou aliviado, mesmo porque o repasse do custo maior do arraçoamento ao preço final da ave abatida tem sido inibido pela produção elevada dos criatórios.

A entrada do milho precocemente colhido da safra nova e a ação das autoridades monitorando tendências de alta das cotações levam a crer que muito em breve o mercado vai se acalmar. Essa é uma expectativa aliás já refletida nos contratos futuros para março, apesar das previsões quanto à menor colheita da safra de 1997/98.

CONJUNTURA DO AGRIBUSINESS

SOJA

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA

Os novos caminhos da soja

Externa e internamente, a soja em grão foi muito bem em 1997, mas as indústrias sentiram-se prejudicadas.

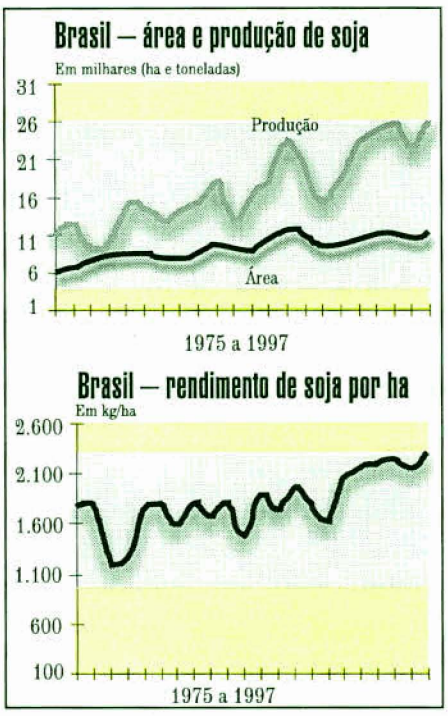
No fim de uma entressafra excepcionalmente longa, vê-se que o país exportou 8,33 milhões de toneladas do grão, avançando espetacularmente sobre os 3,62 milhões de toneladas vendidos ao exterior em 1996. Um desempenho notável, que trouxe novo alento aos produtores rurais, atribulações para as indústrias e fez com que as importações do grão saltassem de 990 mil toneladas em 1996/97 para 1,4 milhão em 1997/98. Com as importações, acabou chegando à opinião pública a polêmica dos vegetais transgênicos, por conta da ação do Greenpeace, que pretendeu impedir o desembarque no país de soja transgênica dos EUA, onde já está bastante disseminada.

Ajudando ainda mais os produtores, as cotações na Bolsa de Chicago tiveram, no ano passado a média de US$7,70/*bushel* (1 *bushel* = 27,22 kg), superando os US$ 7,55 de 1996 e registrando vantagem de 22% ante a média histórica do produto.

Internamente, a situação também foi muito boa, pois os agricultores ganharam US$ 14,80/ 60kg em 1996 e US$ 15,75/ 60kg, em 1997, mais de 30% acima da média do decênio.

Embora a produção mundial de soja em grão de 1997/98, estimada pelo Departamento de Agricultura dos EUA - USDA, em 13/1, seja de 150,62 milhões de toneladas, 14,4% acima dos 131,7 milhões de toneladas de 1996/97, ainda assim esperam-se preços compensadores para a oleaginosa, em 1998, mesmo ocorrendo certa *reversão* do mercado. Em 1998, EUA, Brasil e Argentina colherão safras recordes (74,2 milhões de toneladas, 30 milhões de toneladas e 15 milhões, respectivamente).

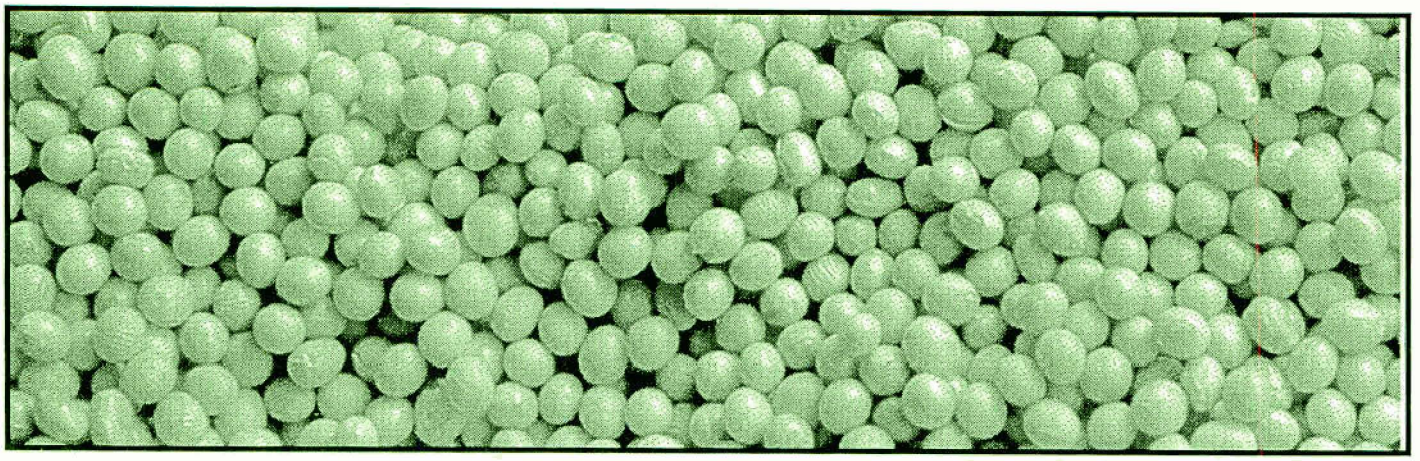
Registre-se que também são esperados acréscimos de produção para o farelo (+6,05%, passando de 92,01 milhões de toneladas, para 97,58 milhões) e para o óleo (+6,7%, passando de 20,7 milhões de t, para 22,07 milhões de toneladas). Contudo, como os estoques finais norte-americanos (ver Panorama Internacional, nesta edição) deverão diminuir, a demanda mundial é forte e El Niño ainda pode surpreender, o ano comercial não deverá ser decepcionante.



Ao que parece, farelo e óleo de soja, frente a suas respectivas médias históricas, estão em melhor situação do que o grão, favorecendo as indústrias, mas dadas suas maiores ofertas, as cotações de 1997 não deverão ser igualadas, vigorando condições normais. Na entrada da nova safra brasileira, estimada entre 30 e 31 milhões de toneladas, os preços tenderão a recuar, subindo a seguir.

No segundo semestre, caso a safra norte-americana seja abundante, os preços do grão deverão perder mais força. De qualquer forma, o cenário de 1997, com os exportadores do grão *correndo atrás* do produto, deverá repetir-se, mas a posição das indústrias, em termos de margens, não será tão apertada.

A receita global do país com o complexo da soja, porém, não parecer ter condições de alcançar a de 1997. Segundo a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais – Abiove – obter-se-á algo em torno de US$5,3 bilhões até o final do ano, frente aos US$5,6 bilhões do ano passado (que foi maior 25,8% comparativamente aos US$4,4 bilhões de 1996). O preço médio de 1997



para o produtor brasileiro foi de US$294/t do grão e, para 1998, a Abiove espera US$260/toneladas, ainda um bom preço.

O esmagamento poderá chegar a 21,2 milhões de toneladas (18,8 milhões no ano comercial anterior). Daí resultarão 16,7 milhões de toneladas de farelo (11,2 milhões para o mercado externo) e 4 milhões de toneladas de óleo (1,3 milhão de toneladas para outros países, pois o óleo de soja é o mais consumido internamente).

A Abiove considera que se exportará menos grão este ano: 7,5 milhões de toneladas, ante os 8,3 milhões de toneladas, de 1997.

A Conferência Internacional de Soja, realizada no Rio de Janeiro, em fins de janeiro, tratou justamente destes números e das perspectivas da comercialização, enfatizando novos modelos de comercialização e as políticas que deverão orientar a exportação daqui para adiante. Neste aspecto, é importante observar a enorme evolução da produção brasileira de soja, a partir do momento em que viu-se livre dos contingenciamentos e outros mecanismos de controle. Produto historicamente ligado ao mercado externo, pôde crescer aceleradamente à medida que os controles declinaram. Curiosamente, esse movimento aconteceu justamente quando o crédito barato, antes tão utilizado pelos sojicultores, começou a escassear. Carlos Nayro Coelho, em "O Plano Real e o Desenvolvimento", resumiu a evolução da agricultura brasileira, nas últimas décadas, em três fases:

a) até meados dos anos 60:

predomínio do café e da cana-de-açúcar, com extração de excedentes do setor agrícola, via confisco cambial: resultou em crises de abastecimento, no final do período;

Ao que parece, farelo e óleo terão evolução mais favorável dos preços do que o grão, em 1998, melhorando as margens do parque industrial.

b) meados dos anos 60, até meados dos anos 80:

* criação do Sistema Nacional de Crédito Rural – SNCR – e reformulação da Política de Garantia de Preços Mínimos – PGPM, com crédito rural subsidiado e incorporação de novas terras à atividade produtiva: resultou em ônus excessivo para o Estado, numa conjuntura de inflação ascendente, sem precedentes no país;

c) fim dos anos 80 até hoje:

* eliminação dos subsídios no crédito rural e maior ênfase na produtividade (ver gráficos) das lavouras, com abertura ao exterior e, há três anos e meio, o início da estabilização econômica, marcado por inflação baixa e juros estratosféricos. Como resultado desta última fase, o trabalho cita os seguintes incrementos na produção agrícola, entre 1987 e 1997:

1º) castanha de caju:	74%
2º) fumo:	53,4%
3º) soja:	52,6%
4º) laranja e uva:	48,1%
5º) feijão:	45%
6º) tomate:	30%
7º) milho:	27,6%
8º) cana-de-açúcar:	20%

A soja aparece em terceiro lugar, mas o porte de sua área plantada, bem superior as dos demais (exceto o milho), além da extensão da cadeia que lhe é associada, dão-lhe óbvio destaque. Cabe aqui uma observação: na safra 1997/98, a soja tornou-se a lavoura de verão de maior área plantada no país, ultrapassando o milho de primeira safra (11,55 milhões de hectares *versus* 11,51 milhões de hectares, segundo o IBGE). Os gráficos mostram que o crescimento da área de cultivo da sojicultura não foi o maior fator de sustentação do que se colheu e, sim, os ganhos de produtividade das plantações que, desde 1992, supera, em termos médios, os 2.000 kg/ha.

No setor pecuário, a atividade da avicultura, ligada diretamente ao farelo de soja e ao milho, expandiu-se 133,6% no decênio. Os suínos tiveram produção de carne 49% superior e os bovinos 31,3%, enquanto a produção de leite de vaca aumentou 55%.

Estamos chegando ao século XXI ainda um pouco distantes das projeções de que o país produziria 100 milhões de toneladas dos chamados *grãos*, feitas no anos 70, mas tanto a soja quanto o milho estão-se aproximando de algo ao redor dos 40% do que se produz hoje em dia nas culturas de verão brasileiras. Os dois são exemplos notáveis do atual rico período de experimentação, pelo qual também passam outras atividades, infelizmente nem todas capazes de apresentar números positivos.

E-mail:ferfal@fgv.br